

O dilúvio



Sábado, 16 de Abril

Leia para o estudo desta semana: Gn 6:13-7, 10; 2Pe 2:5-9; Gn 7; Rm 6:1-6; Sl 106:4; Gn 8; 9:1-17

Texto para memorizar: “Assim como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mt 24:37).

Então o Senhor viu que a maldade do homem havia se multiplicado na terra, e que todo desígnio dos pensamentos do seu coração era continuamente mau” (Gn 6:5). O verbo “viu” (Gn 6:5) traz o leitor de volta a cada passo da criação inicial de Deus. Mas o que Deus vê agora, em vez de tov, "bom", é ra', "mal" (Gn 6:5). É como se Deus se arrependesse de ter criado o mundo, agora cheio de ra' (Gn 6:6, 7).

E, no entanto, o arrependimento de Deus também contém elementos de salvação. A palavra hebraica para “enrister-se” (nakham) ecoa no nome de Noé (Noakh), que significa “conforto” (Gn 5:29). Assim, a resposta de Deus a essa maldade tem dois lados. Ele contém a ameaça de justiça, levando alguns à destruição; e, no entanto, sua resposta promete conforto e misericórdia, levando à salvação também para os outros.

Essa “função dupla” já foi ouvida com Caim e Abel/Sete, e se repetiu através do contraste entre as duas linhas de Sete (os “filhos de Deus”) e Caim (os “filhos dos homens”). Agora ouvimos novamente quando Deus diferencia Noé do resto da humanidade.

** Estude a lição desta semana para se preparar para o Sábado, 23 de Abril.*

Preparação para o dilúvio

Leia: Gênesis 6:13-7; 10. Que lição podemos aprender desse incrível relato da história primitiva?

Como Daniel, Noé é um profeta que predisse o fim do mundo. A palavra hebraica para "arca" (tevah) (Gn 6:14) é a mesma rara palavra de empréstimo egípcia que foi usada para "arca", na qual o menino Moisés estava escondido, que foi preservado para salvar Israel de Egito (Êx 2:3).

Além disso, alguns observaram na estrutura geral da arca paralelos à arca do tabernáculo (Êx 25:10). Assim como a arca do Dilúvio permitirá a sobrevivência da humanidade, a arca da aliança, um sinal da presença de Deus no meio de Seu povo (Êx 25:22), aponta para a obra de salvação de Deus para Seu povo.

A frase “Noé fez; conforme tudo o que Deus ordenou” (Gn 6:22) conclui a seção preparatória. O verbo 'asah, “fez”, referindo-se à ação de Noé, responde ao verbo 'asah, “fazer”, no comando de Deus, que inicia a seção (Gn 6:14) e é repetido cinco vezes (Gn 6: 14-16). Esse eco entre a ordem de Deus e a resposta de Noé sugere a obediência absoluta de Noé ao que Deus lhe disse para fazer, 'asah'. É interessante que esta frase também seja usada no contexto da construção da arca da aliança (Êx 39:32, 42; Êx 40:16).

“Deus deu a Noé as dimensões exatas da arca e instruções explícitas em relação à sua construção em cada detalhe. A sabedoria humana não poderia ter concebido uma estrutura de tão grande força e durabilidade. Deus foi o projetista, e Noé o mestre de obras.” — Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 92.

Mais uma vez, o paralelo entre as duas “arcas” reafirma sua função redentora comum. A obediência de Noé é assim descrita como parte do plano de salvação de Deus. Noé foi salvo simplesmente porque teve fé para fazer o que Deus lhe ordenou que fizesse (ver Hb 11:7). Ele foi um dos primeiros exemplos de uma fé que se manifesta na obediência, o único tipo de fé que importa (Tiago 2:20).

Em suma, embora Noé tivesse encontrado “favor aos olhos do Senhor” (Gn 6:8), foi em resposta a essa graça, já concedida a ele, que Noé agiu fiel e obedientemente às ordens de Deus. Não é assim que deve ser com todos nós?

Leia 2Pedro 2:5-9. Por que apenas a família de Noé foi salva? Que lição aprendemos com a história de Noé a respeito de nosso papel em alertar o mundo sobre o juízo?

O dilúvio

O verbo 'asah, "fazer", que se refere às ações de Noé, também é uma palavra-chave no relato da Criação em Gênesis (Gn 1:7, 16, 25, 26, 31; Gn 2:2). Os atos de obediência de Noé a Deus são como os atos divinos de criação. O que podemos tirar deste link é que o Dilúvio não é apenas sobre Deus punindo a humanidade, mas sobre Deus nos salvando também.

Leia: Gênesis 7. Por que a descrição do dilúvio lembra o relato da criação? Que lições aprendemos com os paralelos entre esses dois eventos?

Uma leitura atenta do texto que sobre o Dilúvio revela o uso de muitas palavras e expressões comuns na história da Criação: “sete” (Gn 7:2, 3, 4, 10; compare com Gn 2:1–3); “homem e mulher” (Gn 7:2, 3, 9, 16; compare com Gn 1:27); “segundo a sua espécie” (Gn 7:14; compare com Gn 1:11, 12, 21, 24, 25); “animais”, “pássaros”, “coisas rastejantes” (veja Gn 7:8, 14, 21, 23; compare com Gn 1:24, 25); e “sopro de vida” (Gn 7:15, 22; compare com Gn 2:7).

A história do Dilúvio se parece, então, com a história da Criação. Esses ecos dos relatos da Criação ajudam a revelar que o Deus que cria é igual ao Deus que destrói (Dt 32:39). Mas esses ecos também transmitem a mensagem de esperança: o Dilúvio foi projetado para ser uma nova criação, a partir das águas, que leva a uma nova existência.

O movimento das águas mostra que esse evento criativo está, de fato, invertendo o ato da Criação em Gênesis 1. Em contraste com Gênesis 1, que descreve uma separação das águas de cima das águas de baixo (Gn 1:7), o Dilúvio envolve sua reunificação à medida que explodem além de suas fronteiras (Gn 7:11).

Este processo transmite uma mensagem paradoxal: Deus teve que destruir o que havia antes para permitir uma nova criação depois. A criação da nova terra exigiu a destruição da antiga. O evento do Dilúvio prefigura a futura salvação do mundo no fim dos tempos: “Vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Ap 21:1; compare com Is 65:17).

O que em nós precisa ser destruído para então ser recriado? (veja Rm 6:1-6).

O fim do dilúvio

Gênesis 7:22-24 descreve o efeito esmagador e abrangente das águas, que “destruíram todos os seres vivos” (Gênesis 7:23) e “as águas prevaleceram na terra durante cento e cinquenta dias” (Gênesis 7:24). Foi nesse contexto de total aniquilação e desesperança que “Deus se lembrou” (Gn 8:1). Esta frase está situada no centro das passagens que falam sobre o Dilúvio, uma indicação de que esta ideia é a mensagem central do relato.

Leia: Gênesis 8:1. O que significa a expressão Deus “Se lembrou de Noé”?

O verbo zakhar, “lembrar”, significa que Deus não havia se esquecido; é mais do que mero exercício mental. No contexto bíblico, o “Deus que se lembra” significa o cumprimento de Sua promessa e muitas vezes se refere à salvação (veja Gn 19:29). No contexto do Dilúvio, “Deus se lembrou” significa que as águas “pararam” (Gn 8:2) e que Noé logo poderá deixar a arca (Gn 8:16).

Embora nenhum comando direto ainda seja dado para sair, Noé toma a iniciativa e envia primeiro um corvo e depois uma pomba para testar a situação. Finalmente, quando a pomba não voltou, ele compreendeu “que as águas se secaram da terra; e Noé removeu a cobertura da arca e olhou” (Gn 8:13).

O comportamento de Noah é rico em lições práticas. Por um lado, ensina-nos a confiar em Deus mesmo que Ele ainda não fale diretamente; por outro lado, a fé não nega o valor de pensar e testar. A fé não exclui o dever de pensar, buscar e ver se o que aprendemos é verdade.

E, no entanto, Noé sai apenas quando Deus, finalmente, lhe diz para fazê-lo (Gn 8:15-19). Ou seja, mesmo sabendo que é seguro sair, Noé ainda confia em Deus e espera o sinal de Deus antes de sair da arca.

Ele esperou pacientemente dentro da arca. “Como ele havia entrado por ordem de Deus, ele esperou instruções especiais para partir. . . Por fim, um anjo desceu do céu, abriu a porta maciça e ordenou ao patriarca e sua família que saíssem pela terra e levassem consigo todos os seres vivos.” — Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 105.

Leia Gênesis 8:1, 19:29 e Salmo 106:4. O que significa a expressão “Deus se lembrou”? Como Deus lhe mostra que “Se lembra” de você?

A aliança: parte 1

Aquele era o momento em que a aliança prometida deveria se cumprir. “Mas eu estabelecerei minha aliança com você; e entrarás na arca, tu, teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo” (Gn 6:18). Em contraste com a ameaça divina de destruição (Gn 6:17), essa aliança era a promessa de vida.

Leia: Gênesis 8:20. Qual foi a primeira coisa que Noé fez ao sair da arca e por quê?

Ao exemplo de Adão e Eva, que certamente adoraram a Deus no sábado imediatamente após os seis dias da criação, Noé adorou a Deus imediatamente após o dilúvio, outro evento da criação. Há uma diferença, no entanto, entre os dois atos de adoração. Ao contrário de Adão e Eva, que adoravam o Senhor diretamente, Noé teve que recorrer a um sacrifício. Esta é a primeira menção nas Escrituras de um altar. O sacrifício é uma “oferta queimada” (‘olah), o sacrifício mais antigo e mais frequente. Para Noé, esse sacrifício foi uma oferta de ação de graças (compare com Nm 15:1-11), a fim de expressar sua gratidão ao Criador, que o salvou.

Leia: Gênesis 9:2-4. Como o dilúvio afetou a dieta humana? Qual era o princípio por trás das restrições divinas?

Por causa do efeito do Dilúvio, os alimentos vegetais não estavam mais disponíveis como antes. Portanto, Deus permitiu que os humanos comessem carne animal. Essa mudança de dieta gerou uma mudança na relação entre humanos e animais. No relato da Criação, humanos e animais compartilhavam a mesma dieta vegetal e não se ameaçavam. No mundo pós-diluviano, a matança de animais para alimentação acarretava uma relação de medo e pavor (Gn 9:2). Uma vez que começaram a comer uns aos outros, humanos e animais, sem dúvida, desenvolveram um relacionamento bem diferente do que tinham desfrutado no Éden.

A tolerância de Deus, no entanto, tinha duas restrições. Primeiro, nem todos os animais eram adequados para alimentação. A primeira restrição estava implícita na distinção entre animais “limpos e impuros”, que fazia parte da ordem da Criação (veja Gn 8:19, 20; compare com Gn 1:21, 24). O segundo, que era explícito e novo, era abster-se do consumo de sangue, pois a vida está no sangue (Gn 9:4).

A aliança: parte 2

Leia: Gênesis 8:21-9:1. Qual é a importância do compromisso de Deus com a preservação da vida? Como as bênçãos divinas cumprem esse compromisso?

O compromisso de Deus de preservar a vida foi um ato de graça; não foi resultado de méritos humanos. Deus decidiu preservar a vida na terra apesar do mal humano (Gn 8:21). Gênesis 8:22 lê, literalmente, “todos os dias da terra”; isto é, enquanto esta terra atual permanecer, as estações virão e passarão e a vida será sustentada. Em suma, Deus não desistiu de Sua criação.

De fato, o texto a seguir, que fala sobre a bênção de Deus, nos leva de volta à Criação original (Gn 1:22, 28; Gn 2:3). O Senhor, em certo sentido, estava dando à humanidade uma chance de recomeçar,

Leia: Gênesis 9:8-17. Qual é o significado do arco-íris? Como esse sinal da aliança de Deus (Gn 9:13) se relaciona com o outro sinal da aliança, o sábado?

A frase “estabeleço a minha aliança” é repetida três vezes (Gn 9:9, 11, 17), marcando o clímax e o cumprimento da promessa inicial de Deus (Gn 6:18). Seguindo a seção anterior, que é paralela ao sexto dia do relato da Criação, esta seção é paralela à seção que cobre o sétimo dia do relato da Criação, o sábado. Dentro do texto, a repetição, sete vezes, da palavra “aliança” ressoa com o sábado. Como o sábado, o arco-íris é o sinal da aliança (Gn 9:13, 14, 16; compare com Êx 31:12-17). Além disso, como o sábado, o arco-íris tem um alcance universal; aplica-se ao mundo inteiro. Assim como o sábado, como sinal da Criação, é para todos, em todos os lugares, a promessa de que nenhum outro dilúvio mundial virá é para todos, em todos os lugares.

Da próxima vez que você vir um arco-íris, pense nas promessas de Deus para nós. Por que podemos confiar nessas promessas? Como o arco-íris nos ajuda nisso?

Estudo Adicional: “Uma comparação entre a mentalidade e o comportamento das pessoas e o estado do mundo antes do Dilúvio e o do pessoas em nossos dias é particularmente instrutivo. Com certeza, a maldade humana não é um fenômeno novo. Veja os paralelos entre o tempo deles e o nosso.

“Os pecados que exigiam vingança contra o mundo antediluviano existem hoje. O temor de Deus é banido do coração dos homens, e Sua lei é tratado com indiferença e desprezo. O intenso mundanismo daquela geração é igualado pela geração que agora vive. . . . Deus não condenar os antediluvianos por comer e beber. . . . Seu pecado consistiu em receber esses presentes sem gratidão ao Doador, e se rebaixar satisfazendo o apetite sem restrições. Era lícito que eles se casassem. O casamento estava na ordem de Deus; foi uma das primeiras instituições que Ele estabeleceu. Ele deu instruções especiais sobre esta ordenança, roupas com santidade e beleza; mas essas orientações foram esquecidas, e o casamento foi pervertido e feito para ministrar à paixão. Uma condição semelhante das coisas existe agora. O que é lícito em si é levado ao excesso. . . . Fraude, suborno e roubo perseguem sem repreensão em lugares altos e baixos. O as edições da imprensa estão repletas de registros de assassinatos. . . . O espírito da anarquia é permeando todas as nações, e os surtos que de tempos em tempos excitam o horror do mundo são apenas indicações dos fogos reprimidos da paixão e ilegalidade que, tendo uma vez escapado ao controle, encherá a terra de aí e desolação. A imagem que a Inspiração deu do antediluviano mundo representa muito verdadeiramente a condição a que a sociedade moderna está rapidamente apressando. Mesmo agora, no presente século, e nos países que professam ser cristãos, há crimes cometidos diariamente tão negros e terríveis como os de que os pecadores do velho mundo foram destruídos.” — Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, pp. 101, 102

Questões para discussão:

□ Quais são os traços comuns do mundo pré-diluviano e do nosso? O que nos ensinam sobre a graça de Deus?

□ Alguns dizem que o dilúvio foi um evento local. Qual é o erro dessa ideia? Se isso fosse verdade, cada inundação local (e cada arco-íris) faria de Deus um mentiroso?

Avós fiéis

Por Andrew McChesney

À noite, depois de escurecer demais para trabalhar no campo de milho, a família Reyneke se reuniu em torno de uma grande mesa de cozinha para jantar em sua pequena casa de fazenda no centro da África do Sul. Papai, mamãe e seus sete meninos e quatro meninas comiam comida caseira todas as noites: mingau de milho com batatas, abóbora e carne. Depois, as crianças retiraram os pratos e papai abriu sua Bíblia holandesa para o culto familiar.

Nesta noite em particular, o Pai abriu a Bíblia em Êxodo 20 e leu: “Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Nela não farás nenhum trabalho” (Êxodo 20:8-10).

“Ouça”, disse o pai, intrigado. “Diz aqui: ‘Seis dias você trabalhará, mas no sétimo dia você descansará’.” A ideia de descansar no sétimo dia era nova para ele. Ele e a família sempre observaram o primeiro dia, domingo, como o sábado, mas a Bíblia diz o contrário.

Meu pai fez uma anotação na margem de sua Bíblia. Ao lado das palavras “Seis dias você trabalhará”, ele escreveu: “Tempo de arado”. Ao lado das palavras “No sétimo dia descansarás”, ele escreveu: “Tempo de descanso”. O assunto estava claro para ele. Sua família começou a guardar o sábado do sétimo dia. As famílias notaram nas fazendas vizinhas e logo três delas também estavam guardando o sábado.

O tempo passou e um evangelista da literatura adventista do sétimo dia parou na fazenda e vendeu ao pai um pequeno livro em holandês intitulado *A Aliança de Deus com o Homem*.

Através do livro, Pai e Mãe aprenderam sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia pela primeira vez. Eles entenderam que outras pessoas também adoravam no sábado do sétimo dia.

Embora não haja registro histórico de pai e mãe se unindo à Igreja Adventista do Sétimo Dia, quatro de seus 11 filhos se tornaram adventistas. Um de seus netos é Gideon Reyneke, um pastor que ajuda a supervisionar o trabalho missionário na África do Sul e em 14 outros países como secretário executivo da Divisão Sul-Africana-Oceano Índico.

Gideon disse que deve sua herança adventista aos avós fiéis que simplesmente leram a Bíblia e a obedeceram na década de 1920. “Oramos para que, ao contar essa história de geração em geração, produza resultados e traga muito mais pessoas a Jesus Cristo”, disse ele.

Fornecido pelo Escritório da Conferência Geral da Missão Adventista, que usa as ofertas missionárias da Escola Sabatina para espalhar o evangelho em todo o mundo. Leia novas histórias diariamente em www.AdventistMission.org.

Acreditamos que Deus aumentou o conhecimento de nosso mundo moderno e que Ele deseja que o usemos para Sua glória e proclamar

Seu breve retorno! Precisamos da sua ajuda para continuar a disponibilizar a Lição da Escola Sabatina neste aplicativo. Temos os seguintes custos Firebase, hospedagem e outras despesas. Faça uma **doação** no nosso site WWW.EscolaSabatina.net